Faculdade de Tecnologia de Palmas FATEP

Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior

A IMPORTÂNCIA DE UMA FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA
POLÍTICA NO ENSINO SUPERIOR

THALES DO ROSÁRIO DE OLIVEIRA

Palmas-TO

Setembro de 2015

Faculdade de Tecnologia de Palmas FATEP

Pós-Graduação Lato Sensu em Docência do Ensino Superior

A IMPORTÂNCIA DE UMA FUNDAMENTAÇÃO FLOSÓFICA
POLÍTICA NO ENSINO SUPERIOR

THALES DO ROSÁRIO DE OLIVEIRA

Palmas-TO

Setembro de 2015

Resumo

Desde o princípio da sua história a filosofia sempre se caracterizou por estimular o pensamento racional de diversas formas possíveis, e mesmo depois de cerca de cinco mil anos após sua criação precisamos ainda aprimorar tal atividade.

Nesse trabalho podemos observar a importância do ensino da filosofia no ensino superior, ajudando a surgir cidadãos pensantes que com sua capacidade de questionar pode ajudar a criar uma comunidade melhor de todas as formas, com enorme destaque ao campo político.

Pois hoje podemos observar claramente as consequências da criação de uma geração inteira sem o ensino da filosofia e sem o estímulo ao pensamento crítico pelos anos de ditadura militar no Brasil, a dificuldade que as pessoas têm hoje de escolher coisas básicas como suas preferências políticas, religiosas, morais, culturais. Demonstrem muito bem essa consequência.

Por essas e outras vamos entender melhor a importância de uma fundamentação filosófica política no ensino superior.

Sumário

Introdução.....	4
Capítulo I	6
O Ensino da Filosofia na Atualidade.....	6
Os PCNs e o Ensino da Filosofia	7
A Filosofia e o Ensino da Filosofia	11
Capítulo II	13
Por que Ensinar Filosofia hoje	13
Aulas de Filosofia: Espaço de criação	16
Capítulo III	18
O que ensinar em aulas de Filosofia	18
Filosofia ou Filosofar	18
Conclusão.....	21
Referencias Bibliográficas	22

Introdução

Na década de 1980 ocorreram intensos debates sobre o ensino da Filosofia, os quais são importantes na medida em que nos mostram não somente o que pensam os filósofos brasileiros sobre a Filosofia e o seu ensino, mas também a sua influência às futuras gerações de professores de Filosofia. Para alguns filósofos, o ensino da Filosofia deve ser orientado tanto pelo estudo da história da Filosofia quanto pela discussão dos temas filosóficos concernentes ao cotidiano. Propõe-se também que a disciplina seja pensada mediante atividades de expositivas a temática e discussão sobre tais temas, refazendo o percurso que vai desde a Filosofia antiga até as questões da Filosofia contemporânea. Nesse mesmo livro também encontraremos argumentos em defesa de temas específicos a serem ensinados.

Certamente essa abordagem do ensino da Filosofia, como estritamente vinculado à escolhas dos conteúdos, está mais preocupada com as concepções individuais dos professores da disciplina no Ensino Superior, estabelecendo assim uma espécie de programa mínimo para o ensino de Filosofia. Objetivo que também fica manifesto nos manuais didáticos, nos quais frequentemente lemos que o ensino de Filosofia requer uma visita ao mundo da Filosofia e aos conteúdos que nele se encontram.

Os últimos debates envolvendo o ensino da Filosofia no Ensino Superior centralizaram-se na necessidade de uma criação de uma disciplina específica e obrigatória. Questão essa que talvez esbarre em objetivos para-educacionais, ou seja, amarrado a querelas econômicas e políticas, que assim perpetuam um desdém característico a tentativa de popularizar o saber filosófico. Numa dimensão menor, porém, tão digna, as justificativas propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como toda a sua indústria em dar sentido concreto a tarefa de ensinar Filosofia, demonstram claramente a total impossibilidade de os conhecimentos filosóficos assumirem uma forma bem acabada: se eles não dispõem de uma disciplina para si.

No entanto é preciso lembrar que. A luta por uma disciplina específica e obrigatória de

Filosofia no Ensino Superior passa necessariamente por um aperfeiçoamento técnico dos profissionais da área. Mas quais as justificativas para se ensinar Filosofia no

Ensino Superior? Por que estudar Filosofia e Sociologia?

Ao pensar as linhas de e os traçados do ensino em Filosofia, tem-se que levar em conta que esta atividade pedagógica deve ser constituir numa atividade filosófica e, ainda dependendo da concepção de atividades filosóficas, que devemos modificar significativamente a própria concepção do que consiste o ensino e a aprendizagem em Filosofia. Nesse sentido, torna-se importante esclarecer em que consiste a atividade filosófica para se mapear os territórios do ensino em Filosofia. Tarefa esta que nos propomos a partir da contribuição do filósofo francês Gilles Deleuze, o qual, em seus inúmeros escritos, afirma que a atividade do filósofo implica uma dimensão de criação: criação de conceitos.

Este projeto monográfico pretende oferecer esclarecimentos sobre o que é a fundamentação filosófica política, como ela é vista hoje em dia, quais as bases usadas para a obrigatoriedade do seu ensino em sala de aula de Ensino Superior e médio, vantagens e desvantagens de seu ensino. Através de seus três capítulos, esta monografia pretender fornecer esclarecimentos para esses pontos de destaque.

Capítulo I

O Ensino da Filosofia na Atualidade

Bertold Brecht, destacando a necessidade da aquisição de conhecimento filosófico político, assim comentou:

“O pior analfabeto é o analfabeto político”. Ele não ouve: não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe o

Custo de vida, os preços do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha em estufar o peito dizendo que odeia política. Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política: nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todo o bandido, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaios das empresas nacionais e multinacionais (BERTOLD BRECHT).

Vivemos numa época na qual a esperança foi confrontada com o medo. Políticos e intelectuais insistiram nessa retórica. Porém: o exaurir da esperança não cede necessariamente, lugar ao medo. Em geral, é seguida pela desesperança, ceticismo, resignação ou perplexidade. Talvez porque os políticos e intelectuais estejam mais diretamente envolvidos com os mistérios da arte de governar, eles sejam os primeiros a se espantarem com o espetáculo da política.

Por esse motivo, quando se iniciou essa investigação: nossas indagações já estavam, em certa medida, maduras em nossa consciência, devido ao fato de convivermos, como já dissemos. Com a realidade do Ensino nas escolas de nível médio. E, como participamos direta e concretamente dessa realidade socioeconômica dos estudantes, é possível perceber, apesar das contradições que existem nessa realidade, a importância que o ensino tem para eles. Assim como para os que mais necessitam desse ensino, o povo. E pela intervenção popular nas questões sociais; políticas e cultural, econômica e religiosa, que é possível realizar uma nova concepção de mundo, quando são transmitidos a essa população os subsídios e os conhecimentos necessários para quem possam ter a possibilidade de

refletir e atingir o máximo de consciência possível do seu tempo: passando a entender, criticamente, o momento em que estão vivendo.

Para se elaborar essa nova realidade, é necessário conhecê-la concretamente, desmistificando todo o processo ideológico de dominação existente nela e elevando o conhecimento para a práxis transformadora. Ensinar, seguindo este viés, é fazer o resgate e construção da identidade do que seja humano no homem, na medida em que este participa também das ações políticas, sociais e culturais, da sociedade em que vive. Segundo Gadotti (1987, p.30), "É por isso que o testemunho da Filosofia da Educação pode, às vezes, perturbar, inquietar, turvar os espíritos". Esse testemunho pode denunciar situações que conduzem a opressão do homem, a uma educação da perversão.

Desta mesma ação relacionada à questão educativa, que possam ter eloquência para discursar, de maneira sistemática e coerente sobre os reais problemas que estão vinculados a sua realidade. Nesse sentido, "A tarefa da Filosofia consiste também, desde suas origens, em boicotar todo o projeto que se opõe ao humano, em desmistificar toda a ação que opera o pensamento e produz a desigualdade" (GADOTTI, 1987, pg.30).

Tais comentários apontam para a necessidade do ensino filosófico em sala de aula, mostrando que tal ensino não é apenas o passar de conteúdos, mas algo muito mais profundo. Tal necessidade é também apoiada pelos PCNs, que assim apontam para sua necessidade:

Os PCNs e o Ensino da Filosofia

1- A partir das finalidades do próprio ensino médio os PCNs recortam do Artigo 35 da LDB as seguintes:

A) "A consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o procedimento de estudos" (inciso I);

B) "A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educador, para continuar aprendendo" (inciso II).

C) "O aprimoramento do educando, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (inciso III)".

D) "A compreensão dos fundamentos científico-tecnológico dos processos produtivos" (inciso IV);

2-De acordo com as diretrizes curriculares propostas no Artigo 36 da LDB está claro:

"O domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania" (inciso III)-

3. E do ponto de vista de sua inclusão curricular na área de ensino Ciências Humana e suas Tecnologias — Diretrizes Curriculares Nacionais Parecer NO 15/98 fica estabelecido que:

"Nesta área se incluirão também os estudos de Filosofia" (p.58)

Os PCNs tentam apresentar delineamentos básicos para se entender o que é Filosofia. "A dificuldade é demonstrada maior ao se querer determinar de onde partir: 'das Filosofias' ou 'da Filosofia'. Se considerarmos-a de um ponto de vista cultural teremos filosofias engendradas nas ciências e nas artes, fazendo com que o significado da Filosofia seja histórico e regional. Mas se, por outro lado nos colocarmos na situação de agente e não de observador da filosofia vemos que algumas condições são indispensáveis a todo filosofar. E é para essas condições que nos direcionaremos agora.

"Os PCNs concordam que o professor não se deve limitar à perspectiva acadêmica, mas partir para a especificidade da atividade filosófica, que no caso, seria a sua 'natureza reflexiva'".

Eles ainda apontam para uma dupla consequência desta maneira de entender a Filosofia. Por um lado a reflexão pode significar uma "reconstrução": "quando o exame analítico se volta para as condições de possibilidade de

competências, cognitivas, linguísticas e de ação"; ou uma "crítica": "quando a reflexão se volta para os modelos de percepção e ação compulsivamente restritos, pelos quais, em nossos processos de formação individual ou coletiva, nos iludimos a nós mesmos e, por um esforço de análise, consegue flagrá-los em sua parcialidade, vale dizer, seu caráter propriamente ilusório".

Para clarear um pouco estas definições podemos encerrar como reflexiva, a análise construtiva ou desconstrutiva da realidade. Na primeira, são citados como exemplos de áreas de estudo: "a(s) lógica (a), a(s) teoria(s) do conhecimento, a(s) epistemologia(s) e todas as elaborações filosóficas que se esforçam para explicitar teoricamente um saber pré-teórico que adquirimos à medida que nos exercitamos num dado sistema de regras"; na segunda entram: "a crítica da ideologia, das genealogias, da psicanálise, da crítica social e todas as elaborações teóricas que estão motivadas pelo desejo de alterar os elementos determinantes de uma "falsa" consciência e extrair disso todas as consequências práticas".

De forma geral, podemos dizer que a atividade filosófica por excelência é a reflexão, tanto em seu sentido positivo, construtivo, como no seu sentido negativo, desconstrutivo da realidade.

Os PCNs: no entanto, aliviam esta discussão deixando a cargo do professor a responsabilidade de conectar a Filosofia ou as filosofias que ele encara como boa ou boas para os fins propostos para a educação. Mas também alerta para a necessidade de se ter coerência ao seguir uma determinada linha de pensamento filosófico, ou seja, da resposta à pergunta "o que é Filosofia?" seguirão os fundamentos das discussões subsequentes. Estes fins devem se coordenar, segundo os PCNs com a simples constatação: "a cidadania é, poderíamos dizer assim, a finalidade síntese da Educação básica". Esta cidadania está expressa nos seguintes valores (Lei 9394/96, conforme disposto na resolução N O 03/98):

1. Os fundamentos ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, ao respeito ao bem comum e à ordem democrática;

2. Os que fortaleçam os vínculos de família, aos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca.

Os valores que realizam a cidadania, segundo os PCNs, devem ser entendidos em suas formas estética, ética e política. Vejamos sua explicação:

“Do ponto de vista estético a cidadania se instala à proporção que se adquire a capacidade de acesso à própria "natureza interna", suas necessidades e seus pontos cegos. Do ponto de vista ético, a cidadania deve ser entendida como consciência e atitude de respeito universal e liberdade na tomada de posições. (...) Por último do ponto de vista político, a cidadania só pode ser entendida plenamente na medida em que possa ser traduzida em reconhecimento dos direitos humanos, prática de igualdade de acesso aos bens naturais e culturais, atitude tolerante e protagonismo na luta pela sociedade democrática”.

A estética foi entendida pelos PCNs como a incorporação do indivíduo no contato consigo e com outros. É uma cidadania conquistada pela sensibilidade, por se sentir interna e extremamente a vida e aqueles que dela fazem parte. Já em sua forma ética, a cidadania é exercida através do agir livre e responsável, que se coordena com os anseios da sociedade. E na experiência política da cidadania o indivíduo se apresenta na forma da participação democrática, ou seja, decidindo e agindo com a intenção de tornar real o acesso aos instrumentos necessários à própria liberdade, que são os direitos constitutivos da convivência pacífica.

A Filosofia reflete, discute e argumenta a respeito da natureza do homem, do conhecimento, da ética, dos valores, da origem e finalidade das coisas. Sempre investiga o que há por trás das ações do ser humano, baseando-se no conhecimento deixado pelos grandes pensadores ao longo da história.

Atenta aos mais diversos aspectos da vida cultura, história, política, artes; busca entender a realidade e dar soluções para os problemas com que o ser humano se defronta na vida.

Sendo uma das antigas ciências, a Filosofia se relaciona com diversas áreas do saber educação, psicologia, comunicação, meio ambiente, política.

A Filosofia e o Ensino da Filosofia

O ensino da Filosofia historicamente nunca teve garantido efetivamente sua presença na estrutura educacional brasileira. Como vimos, pela história da Educação, esteve à mercê de interesses. Sempre se declarou a sua importância, mas sua importância, mas sua efetivação como campo de saberes e espaço de produção na escola nunca foi valorizada- Dessa forma, a reflexão, a produção escrita sobre a Filosofia, a produção de materiais didáticos acessíveis para seu entendimento e a sua consequente tradução para a realidade sempre deixou muito a desejar. Apesar de haver alguns bons manuais para o ensino da Filosofia, a reflexão sobre o ensino filosófico é pequena entre nós.

A Filosofia, em toda a sua história, tem se mostrado uma atividade humana que, em sua essência: é educativa. Sócrates, com sua maiêutica, é o filósofo educador. Platão, com sua metáfora do mito da caverna, sai das sombras e vai à luz da razão, depois volta e convence os seus. Essa visão platônica do filósofo pode ser um modelo do filósofo educador.

Por sermos, em essência, reflexivos, a atividade filosófica é da nossa condição humana e, sendo assim: o ensino da Filosofia é condição básica, é um fazer pedagógico constante para a formação de homens situados na história e na sociedade: porque a existência humana a que aspiramos passa pela valorização do indivíduo que tem suas mediações históricas pela transformação da natureza (trabalho), pela participação social (grupo comunitário) e pelo desenvolvimento cultural (criatividade). Lutando para que o trabalho não seja degradante, a comunidade não seja opressiva e a criatividade não seja alienação e massificação.

Como efetivar essa luta? Wansovicz (2004) responde que é:

"Por meio da educação, entendendo essa ação como uma prática de intervenção social que precisa fazer as ligações concretas da nossa vida e auxiliar na instauração de forças construtivas e emancipatórias, através das ligações que levam em conta a historicidade e a solidariedade do processo que instaura a humanidade no tempo". (WONSOVICZ, 2004, p.63).

Por isso, formar, via um ensino reflexivo, as novas gerações é inseri-las no mundo do trabalho, no mundo da cultura, no mundo da participação social, não de forma ingênua, mecânica, dogmática, mas por meio do conhecimento, do pensar por si, a partir de uma visão crítica, criativa e criteriosa.

Essa preocupação não é só da Filosofia, é de todas as ciências humanas. Porém, o ensino filosófico procura lidar com todas as exigências para o entendimento do conhecimento na formação humana. Vale então a crítica aos que defendem que o conhecimento filosófico se dará na transversalidade. Os currículos, que em si são mediações, querem formar a criança e o adolescente sem criar oportunidades para um desenvolvimento intelectual, para lidar de forma adequada com o conhecimento e sem promovê-los como sujeito, para que se realizem como ser humano: membro da sociedade e cidadão.

Buscar a identidade da Filosofia, mais do que em qualquer área do conhecimento constitui uma autêntica questão filosófica, visto que a busca de sua resposta implica escolhas e delimitações substanciais. Nesse trabalho, defende-se que a Filosofia é uma área de conhecimento humano capaz de permitir investigar a realidade a partir das causas fundamentais e por critérios metodológicos, e justifica-se por uma intencionalidade radical que determina um pensamento resultante característico de sua natureza especulativa, global e de totalidade. Nas palavras de Wonsovicz (2004, p.2), Fazer Filosofia é uma forma racional de compreender o mundo e a realidade, inaugurada na Grécia clássica do século VI a.C. e que se encontra em toda história da cultura ocidental".

Capítulo II

Por que Ensinar Filosofia hoje

Tornar obrigatório o ensino de Sociologia e de Filosofia no Ensino médio e superior, é tão importante quanto sua legitimação por parte da sociedade, outro desafio que gradativamente vem sendo superado. Mais do que ornamentações pedagógicas, ou meros limbos curriculares, a docência dessa disciplina vem para contribuir de modo específico e peculiar junta às demais disciplinas para construção de uma sociedade reflexiva, investigadora de seu meio, e capaz de problematizar sua própria realidade.

Decerto não só é possível, embora não simples, mas imprescindível, apresentar aos educandos esse "modo de pensar, de sentir e de agir". Não se trata de querer formar sociólogos no ensino médio, muito menos no fundamental. No entanto o que se tenta não é nada impossível ou utópico, pois a Sociologia e a Filosofia não tem pretensão de ser (como acreditava Mário de Andrade, entre outros pensadores em meados da década de 20/30) "A arte de salvar rapidamente o Brasil". As intenções não são tão ambiciosas, ou absurdas. Busca-se somente, empregando seus conceitos e métodos apenas facilitar e possibilitar ao educando, que ele consiga despertar em si mesmo um novo foco de seu próprio meio: e daí exercitar a início de um pensamento crítico e reflexivo que leve a perceber em alguns antes desimportantes detalhes, fatos ou frases, as contradições, as desigualdades, a realidade a sua volta e que assim ele possa se perceber em seu grupo, como parte desse grupo, se individuar, se compreender e compreender as diferenças busca-se não mais que favorecer a cidadania, a tolerância, a coesão e o desenvolvimento social.

Rever essa perspectiva de ensinar uma Filosofia estritamente conteudista e articular uma Filosofia notadamente crítica e metodológica é um desafio, já que por uma aprendizagem filosófica temos a possibilidade de desenvolver nos jovens suas capacidades cognitivas e intelectuais. Como? Por meio de uma vivência social, cultural e política, que nada mais é do que contribuir para o exercício crítico, criativo e criterioso de uma consciência cidadã.

Para nós a premissa fundante reside em reconhecer que todos os homens são filósofos, enquanto pensam e agem racionalmente, sendo papel peculiar da escola e da universidade a formação para o aprimoramento constante dessa racionalidade.

Com efeito: para que essa ação seja efetivada na história humana, este deve estar formando, constantemente, para si, a consciência desta ação. Ou seja, ele deve estar elaborando, plenamente, em sua consciência, na organização de sua vida (uma vez que essa será seu projeto histórico): uma nova concepção de mundo, que refletida no sentido que Gramsci propõe ao termo, o levaria a uma mudança de postura e de consciência que deve ocorrer quando, no processo de organização de seu pensamento; sobre as coisas e o mundo, ele passa a "superar" (a superação da sociedade civil está no fato de se construir a sociedade regulada através da ação política no qual se conquista a hegemonia) as contradições existentes em sua realidade.

Portanto, abrir espaços para uma educação filosófica com os adolescentes e jovens é acima de tudo, buscar um novo posicionamento diante da realidade social, ou seja, sair do senso comum e ir para a consciência crítica. Isso não está somente a cargo do ensino da Filosofia, não será ela somente que despertará o aluno para as mudanças de atitude perante o mundo, que fará agir como responsável por ser o sujeito de sua história. Porém, é da sua essência e do seu fazer alcançar tais finalidades, quando é ensinada e vivenciada na vida acadêmica com as demais disciplinas.

O que pode ser corrigido em poucas gerações em alguns anos de ensino médio, regular ou profissionalizante ou um semestre na faculdade no qual se ofereça o estudo da Filosofia e da Sociologia, de modo a instrumentalizar a população com os conhecimentos intelectuais necessários ao exercício da razão crítica, cujo resultado mais imediato será a redução de atos de corrupção daqueles que detêm alguma forma de poder, face à censura popular consciente: devidamente preparada para o exercício da democracia em sua plenitude, sendo, portanto, indispensável o ensino da Filosofia política no ensino médio e superior.

O que se busca é desenvolver um pensamento que esteja voltado para a totalidade, vendo a meta da aprendizagem filosófica como um processo integrado. Assim, um belo pensar, com bom senso, é um processo que segue alguns requisitos, tais como: capacidade de estar aberto ao que o outro pensa; atenção e disposição para entender o contexto: capacidade de julgar; criatividade em expressar-se; busca de um pensar autônomo; preocupação com o todo e não somente parte do entendimento da realidade, para, dessa forma, acontecer uma ação mais ampla, em busca da emancipação pessoal e coletiva.

Crianças, adolescentes e jovens com oportunidade de desenvolver pensamento consequente, crítico e criativo, em uma escola aberta e atenta à "cultura do pensar" onde tenha na sala de aula um local privilegiado — comunidade de aprendizagem investigativa-terão ganhos. Após algum tempo, algumas mudanças tornar-se-ão visíveis. Alunos passarão de apenas ouvintes para autores da sua fala, debatedores das ideias, dos conteúdos filosóficos. Por isso, essa comunidade, composta de professores e alunos, desencadeia Uma mudança significativa quanto a:

- Posição espontânea dos alunos que buscam discutir todos os conteúdos das disciplinas escolares e também os temas filosóficos;
- Respeitar o espaço sala de aula como um fórum especial de discussão coletiva. Por isso, a necessidade de regras, de respeito e apoio mútuo na construção das ideias e das ações que surgirem do bem e bom pensar.

Podemos concluir que a Filosofia está viva e pulsando na escola brasileira e que nesses quinze anos de existência do Centro de Filosofia Educação para o pensar construímos professores, alunos, escolas — Um ensino de Filosofia na escola fundamental, na educação infantil, no ensino médio e principalmente no ensino superior. É possível afirmar que a Filosofia nunca saiu da escola, pois não é possível um educador que não tenha conhecimentos filosóficos: como não é possível um filósofo não ter conhecimentos pedagógicos. É a Paidéia presente, como grande ideia de formação do homem integral, para uma cidadania consciente e transformadora. A educação necessita perguntar à Filosofia o que ela pode ser. A Filosofia precisa perguntar à educação como ela deve ser para atingir a reflexão das

crianças. Por isso, sem Filosofia não há educação, como também sem Educação não há Filosofia.

Aulas de Filosofia: Espaço de criação

Aqui se quer chamar atenção para um ponto que fica nebuloso até então: dizer que o professor de Filosofia produz Filosofia em sala de aula com os alunos não significa afirmar que ele o faça apenas lá e apenas com alunos. O professor pode (e deve) desenvolver seu trabalho de filósofo em outros grupos ou sozinho. Envolvido com seu trabalho como professor ele terá que estar a todo o momento avaliando seus cursos e suas aulas, assim estará necessariamente envolvido com a Filosofia do seu ensino e a Filosofia da educação. Poderá promover reflexões solitárias ou em grupos, poderá produzir textos: participar de congressos, entre outras atividades. Da mesma forma que poderá estar envolvido com outras questões e desenvolver trabalho filosófico na universidade ou fora dela. Melhor ainda se for possível o diálogo entre essas duas facetas desse professor: ensino e pesquisa desembocando numa só atividade de forma que uma enriqueça a outra. Aqui ele ainda é modelo. Ele pratica suas ideias e estuda sua prática.

As aulas de Filosofia como lugar de experiência filosófica são lugares de estudo e produção filosófica. Nelas a cada dia surge o novo, pois são espaços de criação. Sendo assim é movimento de provocação: provoca-se o surgimento do pensamento original, provoca-se a busca de compreensão, provoca-se a chocagem do que se chamou de meu e de eu até então, provoca-se a imaginação do que poderia ser e do que não está. É o professor responsável pelo nascimento desse espaço onde acontece esse jogo. Neste sentido o professor é um provocador. As relações que são criadas entre os participantes dessa experiência, revelam uma equipe ou um time que joga, não competitivamente contra um adversário, mas entre si, com o objetivo comum de construir saídas filosóficas para seus problemas. As aulas de filosofia são desestabilizantes, pois assim é a Filosofia: assim que acaba de encontrar-se, perde-se de novo, deliberadamente. Essas aulas tem vocação para serem emocionantes, não são apenas cerebrais. Numa educação assim o educando

delibera e vive aquilo. F, como num jogo, o professor deve sempre deixar claros seus objetivos pedagógicos, seus métodos e suas estratégias para que possa existir a consciência e convivência de todas quanto às regras.

Capítulo III

O que ensinar em aulas de Filosofia

É bastante possível que aquele que se dedicar a dar aulas de Filosofia para jovens no Brasil, hoje, sentirá a necessidade de pensar seriamente no que isso significa antes de sentir-se em condições de decidir o que fazer em suas aulas e como fazê-los. O contexto que envolve o ensino de Filosofia para jovens, na escola e universidade, é complexo já que há tantos possíveis objetivos educacionais que podemos atribuir à Filosofia, tantos fins filosóficos e as possíveis formas de alcançá-los. Também há a heterogeneidade de realidades da escola a ser levada em conta, e o fato de esse não ser um ensino obrigatório, com limites explícitos — embora já previsto em lei — torna-se mais um fator problematizável. Talvez aquela prévia reflexão do professor se imponha de forma tão vigorosa justamente pela diversidade de enfoques que podemos ter para esse ensino, a diversidade de maneiras de entendê-lo.

E possível que esse professor pense: para que defendo a Filosofia na escola? O que há de específico na Filosofia que a faz necessária currículo dos jovens? Qual Filosofia ensinar? Como fazê-lo? Damos aulas de Filosofia ou de filosofar? O que é a Filosofia? O que é o filosofar? É possível essa separação das duas coisas? Ora, assim aquele professor terá começado a pensar filosoficamente o ensino de Filosofia e só isso já pode ser um bom começo.

Filosofia ou Filosofar

Para começar propomos que nos dediquemos à clássica questão que se levanta sobre a cisão entre Filosofia e Filosofar. É clássico citar Kant quando se pretende defender que não é possível ensinar a Filosofia, mas sim a Filosofar. Para Kant, a Filosofia é um saber que está sempre incompleto, pois esta sempre em movimento, sempre aberto, sempre sendo feito e se revendo e por isso não pode ser

capturado e ensinado: nunca se realizou urna obra filosófica que fosse duradoura em todas as suas partes. “Por isso não se pode em absoluto aprender Filosofia, porque ela ainda não existe” (KANT, 1983, p.407).

O ato de filosofar, por sua vez, seria composto de passos conscientes na análise e crítica dos sistemas filosóficos, exercitando o talento da razão, investigando seus princípios em tentativas filosóficas já existentes. O autor estaria afirmando a autonomia da razão pura, na interpretação corrente de suas colocações. Lemos em Kant, na conhecida Crítica da razão pura: "Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão fazendo-a seguir seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes. mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os".

Pensamos que não podemos dizer que para Kant é possível separar o filosofar da Filosofia já que o proposto exercício da razão deve ser feito sobre os sistemas filosóficos.

Se filosofar é produção de Filosofia e Filosofia é filosofar, então o que deve ser o ensino da Filosofia? O ensino da Filosofia deve ser produção de Filosofia, deve ser filosofar. Isso pode parecer fácil de entender, porém não antes de se perguntar: Ora, mas para que ensinar Filosofia para os jovens nas escolas e universidades? Qual o papel formativo da Filosofia? Se a colocamos dentro da escola, e para que cumpra uma determinada função na formação da subjetividade do jovem estudante. E que função é essa?

As aulas de Filosofia, como lugar de experiência filosófica, têm como objetivo oferecer critérios filosóficos para o aluno julgar a realidade para o aluno julgar a realidade por meio da prática do questionamento filosófico e da construção de conceitos, por meio do exercício da criatividade e avaliação filosófica. Assim, além dos critérios e do modo de pensar da indústria, do consumismo ou da mídia, além dos critérios e do modo de pensar da tradição e da ciência, o aluno passará a dispor dos critérios e do modo de pensar da Filosofia para compor seu pensamento de forma autônoma, pois autoconsciente e, portanto, metacognitivo.

Nas aulas de Filosofia onde se promove experiências filosóficas o professor não professa. Ele não apregoa, não é depositário de verdades. O professor de Filosofia é um super-herói às avessas: ele cria problemas. Mas também é ele quem vai orientar sua solução. Seus poderes mágicos são sua convicção filosófica e educacional. Esse professor tem a chave de um espaço singular onde os alunos poderão entrar para ter ali sua experiência filosófica. O modo de relacionar-se consigo mesmo, com os outros, com o texto, dentro Cesse espaço, será um modo diferente, será um modo filosófico.

Nas aulas de Filosofia como experiência filosófica, o professor é um orientador, ele põe à disposição para os seus alunos os instrumentos que conhece para uma disciplina filosófica no pensamento. Cria com os alunos um grupo uma equipe, que tem um objetivo comum: encontrar saídas para um problema elaborado por eles mesmos, de seu interesse, por meio da investigação e do estudo filosófico. O professor sabe que sua orientação é limitada ao seu modo de compreender a Filosofia e a realidade, e quo, portanto, sua orientação deve conter incentivo e atenção para possíveis criações de novos modos por parte de seus alunos.

Conclusão

Podemos observar o tão complexo é a atividade de ensinar filosofia nas escolas e universidades brasileiras, e os inúmeros conflitos que o professor enfrenta para dar sentido prático a tudo que é dado em aula para seus alunos.

Conseguimos perceber que ensinar filosofia trata-se também de ensinar a filosofar, estimular o jovem ao pensamento racional e reflexivo, não apenas decorando textos e conceitos e sim usar tudo isso para tentar achar soluções práticas para nosso cotidiano. Dessa forma estimulamos cidadãos capazes de conviver em sociedade e praticar sua cidadania de forma plena.

Logo, podemos afirmar finalmente, que o ensino da filosofia é extremamente importante em todos os níveis da educação, é fundamental estimular jovens e adultos a pensar, a criticar sobre os mais variados temas do nosso cotidiano, como por exemplo, a política, somente o conhecimento faz o cidadão exercer sua plena cidadania e apenas pessoas críticas e pensantes poderiam mudar a realidade política que temos para melhor, enquanto não, reclamar será sempre o instrumento utilizado por aqueles que não podem e nem sabem fazer a mudança, não por culpa da pessoa em si, e sim por culpa de uma alienação que é imposta a aqueles que não pensam como se pensar fosse algo que em algum momento alguém poderia fazer por um terceiro.

Referencias Bibliográficas

- Brecht, Bertold. A vida de Galileu. São Paulo. Abril Cultura, 1977.
- Gadotti, Moacir. A educação contra a educação. Ed Paz e terra, 4aed. São Paulo. 1987.
- Gramsci, Antônio. Caderno do cárcere Vol. I. Ed. Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 2001
- Nielsen Neto, Henrique. O ensino da Filosofia no 2º grau. São Paulo. Sofia editora. 1986
- Wonsovicz, Silvio. O ensino de Filosofia na escola fundamental: o projeto de educação para a pensar. Ed. Paz e terra. 2004.
- Rosário, Thales. A importância de uma fundamentação Filosófica — Política no ensino médio. (projeto monográfico). Não editado. 2010.